

MAGIA UMA VEZ POR SEMANA

Isabel Cristina Pires

Vivi na aldeia uma infância muito solar, em que o ano era pontuado pelas colheitas: a apanha do milho, as vindimas, a azeitona. Vivia para olhar para tudo – terra, pinhais, folhas, gotas de água – e sentir-me feliz, ou para estar a ler sentindo uma felicidade diferente, ainda mais vibrante e aérea.

Juntamente com as minhas irmãs, íamos buscar livros à biblioteca itinerante da Fundação Calouste Gulbenkian, uma velha carrinha Citroën cinzenta que às sextas-feiras parava no Largo do Freixo. Uma vez por semana, ao entardecer, voltávamos para casa carregadas de magia.

Estes foram os autores que mais me impressionaram até aos 10 anos. Nessa altura, mudámo-nos para a cidade. A infância acabou, mas não a felicidade destes livros – que continuo a reler.

► **A Maravilhosa Viagem de Nils Holgersson Através da Suécia, Selma Lagerlof**

A escrita de Selma Lagerlof é enganosamente transparente. Mas este livro é a verdadeira cristalização da metáfora de voar com os livros, de voar para perceber o encantamento. Do vago mistério das histórias que ela conta, ficou-me a lenda da cidade encantada para sempre sob o mar – que intangibilidade! – e a pedra de toque mais real de todas: a sua casa de infância em Marbacka, vivida ao ritmo antigo da terra.

► **Os livros da série Nárnia, C.S. Lewis**

Nárnia, país encantado, fora do tempo, acessível só pelas leis do acaso. De toda esta série de livros, retenho a cena do degelo em *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, um dos grandes hinos à alegria da ressurreição. Nenhum filme, nenhuma série conseguiu captar isso: todos caíram na armadilha de documentá-la com banais imagens de Primavera. Mas aqui, as palavras valem bem mais que as imagens.

► **A Ilha Misteriosa, Júlio Verne**

Todos os livros de temática *Robinson Crusoe* são a aventura do começar de novo (tudo se baptiza), do inventar soluções, do descobrir de tesouros: água fresca, comida, abrigo. Para além do mistério que Verne entretece neste livro, aquele seu olhar científico à século XIX é alquímico: tudo se transforma em algo belo ou útil num ambiente de imensa liberdade. Tudo se volta a inventar naquelas edições de David Corazzi que pertenceram a um dos trisavôs: as capas têm palmeiras com serpentes enroscadas, leões, navios naufragados, ruínas, um balão antigo. Aquelas páginas amareladas, a cheirar a bafio, com gravuras à pena e uma grafia do século XIX deram-nos Verne completamente.

► **O Príncipe Prígio/O Príncipe Ricardo, Andrew Lang**

Andrew Lang escrevia histórias de uma imensa ironia, piscando o olho à argúcia dos leitores. Senti-me lisonjeada com as suas divertidas histórias, que finalmente me tratavam como um ser inteligente. A história em que o príncipe vai à Lua buscar um pedaço de estupidez para esmagar um gigante maravilhou-me. A estupidez é, de facto, uma coisa pesadíssima.

► **Histórias de Dona Redonda, Virgínia de Castro e Almeida**

O surrealismo no meio do pinhal: que coisa maravilhosa. Havia mostrengos, gente incompreensível, gritos, gente ridícula, insectos falantes, e os heróis eram a parte mais aborrecida da história. Achei que a alegria e a falta de regras na casa da Dona Redonda eram fantásticas – essa parte de Carnaval que nos é constantemente necessária. Frank Capra, anos depois, retomou este tema no filme *Não o Levarás Contigo*.

► **Os Gémeos das Cavernas, Lucy Fitch Perkins**

Toda esta tetralogia d’*Os Gémeos* de Perkins é belíssima: *Espartanos, Esquimós, Chineses, das Cavernas*. Novidade, novidade, a perspectiva feminista da autora... (os gémeos são sempre um rapaz e uma rapariga); depois, o laço fortíssimo entre irmão e irmã, o engenho de ambos, o seu esforço em perceber o mundo. Completamente satisfatório.

► **O Jardim Misterioso, Frances Burnett**

Frances Burnett! Melhor que o delicodoce *O Pequeno Lorde*, muito melhor, é este livro magnífico de uma rapariguinha enfermiça que desabrocha – mais uma vez – graças a uma porta mágica e a um reino encantado. Mas este encantamento é bem real, passa pelas mãos na terra a mondar as ervas ruins, pelo perceber as flores que despontam, pelo respirar a plenos pulmões. Este jardim em flor, este *secret garden*, foi para mim uma das descobertas mais belas dessa altura.

► **Contos, Hans Christian Andersen**

O que me fascina em Hans Christian Andersen – para além do lado sombrio das coisas que nunca nenhum autor infantil descreveu tão bem – é a sua capacidade de transformar os objectos banais e até feios em almas extraordinárias. Agulhas, tachos, armários, plantas comidas pelos caracóis, soldados de chumbo semi-derretidos. Extraordinária, a maneira como este homem olhava. Quintais abandonados, casas em ruína, plantas daninhas, nada voltou a ser o mesmo depois destes contos.

► **A Arca, Margot Benary-Isbert**

A saga de uma família alemã oriental que procura reconstruir a vida nos terríveis anos do pós-II Guerra Mundial. Cada um dos seus elementos se encontra a si mesmo quando emigram da cidade devastada para um mundo rural. Cada um descobre como sobreviver através da beleza das pequenas coisas, da genuinidade dos afectos, da força dos bichos e das plantas. Um tema universal, que reencontrei depois em *A Cidade e as Serras*, de Eça de Queiroz, ou em *Saga*, de Érico Veríssimo.

► **A Fada Oriana**, Sophia de Mello Breyner Andresen

Há muito que não leio este livro. Não me recordo sequer do enredo... Guardo dele a exacta impressão das suas ilustrações, que são abstractas, enevoadas e misteriosas. Lembro-me da beleza estranha da fada, de uma floresta castanha e perturbante, de uma casa onde tudo falava. Senti nele a mesma sombra dos contos de Andersen, o mesmo susto desafiante e vago de viver.

Pediram-me dez livros, tarefa obviamente impossível. Não posso deixar de mencionar *O Gnomo/The Hobbit*, de J.R.R. Tolkien (a tentação da aventura!), *O Feiticeiro de Oz*, de L.F. Baum (que grande desilusão foi ver o filme! Aquela fantasia hollywoodesca não tinha nada a ver com a minha), os livros d'Os Cinco, de Enid Blyton, com a verde Albion pontuada de sanduíches e bolo de frutas, *O Papá das Pernas Altas*, outra traição cinéfila... e tantos, tantos.

Depois de escrever isto, verifico como fui afortunada, porque pude ler tudo isto até aos 10 anos. ■



Isabel Cristina Pires nasceu na Pampilhosa, em 1953. É psiquiatra, actualmente aposentada, e vive em Coimbra. Escritora e poeta, tem vindo a editar, desde 1987 até 2007, a sua obra na editora Caminho. Em prosa, publicou *Universal Limitada* (prémio Caminho de Ficção Científica), *A Árvore das Marionetas*, *A Casa em Espiral* e *O Nome do Poeta*; em poesia, *A Roda do Olhar*, *À Porta de Nárnia*, *Cobra de Papel*, *Todas as Cores do Azul* e *Deserto Pintado*. Está

representada em diversas antologias de poesia e conto, em Portugal e no estrangeiro. Pintora autodidacta, tem participado em exposições individuais e colectivas.